



Relato da 2ª roda de conversa - debate com Eleny Guimarães sobre os desafios práticos da pandemia de COVID-19 para o trabalho em saúde e o funcionamento dos serviços de saúde mental no período de isolamento social

Dia: 22/04/2020 (4ª feira)

Horário de início: 16h **Horário de término:** 17h40min

Local: Google Meet (sala de reunião virtual)

Participantes: Alessandro Barbosa, , Ana Lúcia Togeiro, André Correia, Bárbara Guidoreni, Eleny Guimarães Teixeira, Franco Lima, Hugo Soares, Juliana Alves, Juliana Vinhais, Júnia Prosdocimi, Lina Nunes Gomes, Luciana Alleluia, Marise Lutterbach, Nathalia Armony, Leandro Pacheco, Pedro Delgado, Olívia Miranda, Priscilla Vilella, Rosemary Calazans Cypriano, Sâmia Leite, Vitória Melo, Wilson Zózimo Oliveira Viana. Houve, em média, 25 participantes ao vivo.

Leandro Pacheco (Frente Estamira / Nuppsam): dá início a reunião explicando como será o funcionamento e sobre a gravação.

Alessandro Barbosa (Programa de saúde mental de Rio das Ostras): Se sente angustiado pelo distanciamento social em Rio das Ostras, cidade onde mora e trabalha. Conta que já houve 4 mortes, média de 26 casos confirmados e por volta de 200 casos sendo investigados, mas percebe que as pessoas ainda não aderiram à quarentena, indo cada vez mais as ruas sem os devidos cuidados. Sua pergunta é: O que nós enquanto Frente podemos fazer para conscientizar a população sobre a quarentena?

Eleny Guimarães: Retomou nosso pensamento para o quadro da Itália no início da epidemia lá. Acredita que a Frente pode se associar com outros movimentos para reforçar a conscientização, que devemos olhar para o que aconteceu em Manaus - BR, e acredita que esse é um momento de grande desafio para conseguir driblar a ideia de não cumprir a quarentena.

Juliana Vinhais (Psicóloga de Silva Jardim, mora em Niterói): Relata o 1º óbito em Silva Jardim, 4 casos confirmados (uma delas é a sub-secretária), e vários em investigação. O óbito dessa semana gerou um pânico na cidade, tanto na população quanto nos profissionais de saúde (que se encontram com medo de trabalhar e de passar o vírus para a sua família); antes dessa morte, a população de Silva Jardim estava furando muito a quarentena. Sua angústia é: como os profissionais, por meios on-line, podem ajudar nessa situação.

Ana Lúcia Togueiro (Psicóloga do CAPS-ad de Macaé): Relata 7 mortes em Macaé. Acredita que os profissionais de saúde mental têm, nesse momento, papel importante de validar as informações e indicações sobre como proceder com os cuidados nessa epidemia, pois percebe que os usuários têm muita confiança em seus profissionais de referência.

Eleny Guimarães: Retoma a fala de Ana Lúcia, sobre o papel de confiabilidade que os profissionais de saúde têm diante de quem está sob seus cuidados, lembra que quando chegou no RJ, era a época do surto da AIDS, e na época era bastante difícil ter respostas científicas para os casos, mas a confiança, a transparência, o diálogo e as buscas por melhores recomendações foram fundamentais para superarem a doença. Atualmente, não estamos tendo essas condições, como, por exemplo, a falta de diálogo e transparência, a começar pelos governantes. Então, devemos passar pelo desafio de encontrar recursos na nossa prática para superar essa situação.

Pedro Gabriel (Frente Estamira / Nuppsam): Na saúde mental, temos uma função importante na relação de confiança que temos construído durante anos com a população e com os usuários. O tema do isolamento social acaba sendo divisor de águas nessa discussão, não que ele irá acabar com a epidemia, mas que é uma estratégia que funcionou nos países que começaram mais cedo, como disse Eleny em sua palestra. A Inglaterra demorou muito para adotar o isolamento social, e hoje, mesmo com um sistema de saúde forte, está sofrendo muito. Aqui, nos serviços de saúde mental, estamos muito limitados, mas temos que conseguir ajudar nossos usuários mesmo nessas limitações. Em residências terapêuticas, na maioria dos casos, estão pessoas do grupo de risco do ponto de vista clínico, e tem sido difícil manejar o cuidado nessa população, alguns já tiveram resultado positivo para o covid-19. Como lidar com esses usuários, conseguindo proteger nossas vidas, nossos usuários e a equipe, este é um desafio totalmente novo na saúde mental.

Lina Nunes (Coordenadora Técnica CAPS Casa do Largo - Niterói): Estão sendo muito orientados pela prefeitura, mas veem muita falta de compromisso da população (muita gente na rua, muita gente circulando). Relata falta de equipamentos de proteção. Estão fazendo triagem dos seus usuários. Relata que a partir de sexta-feira o uso de máscaras será obrigatório em Niterói, e já durante as triagens, foram distribuídas máscaras para os usuários de risco, além de estarem mantendo a segurança de higienização dentro do caps. Relata que em Niterói tem uma boa cobertura de médicos da família na Atenção Básica, e isso tem sido muito positivo no controle e conscientização.

Eleny Guimarães: Niterói tem sido uma cidade muito boa nessa situação, afirma que a parceria com a atenção básica é realmente importante, e a triagem nos usuários da saúde mental também, além dos cuidados dentro das unidades de saúde. Sobre o uso obrigatório de máscaras, considera que é bom, mas pode deixar as pessoas com uma falsa sensação de proteção completa, deixando de lado outros cuidados importantes. Comentou sobre a falta de estrutura da atenção básica em outras cidades, e quanto isso está sendo complicado, pois a ABS é a porta de entrada, e acredita que o gargalo das cidades sem essa parceria da ABS será muito grande. Acredita que os profissionais da saúde devem cobrar essa parceria.

Priscilla Vilella (Frente Estamira / Nuppsam) lendo o comentário da Lillian Costa (CAPS de Barra do Piraí): “sobre o cuidado com a saúde dos profissionais, incluindo os cuidados para evitar aglomeração da própria equipe de trabalho.”

Júnia Prosdócimi (AB de Búzios em contato com a equipe do CAPS): Sobre o aumento da circulação social, percebem uma tendência do aumento da frequência dos usuários ao CAPS, percebe dificuldade dos usuários permanecerem em casa, pensa que é válido reuniões virtuais incluindo os familiares e cuidadores, para ajudar que estejam menos nos serviços neste momento.

Eleny Guimarães: Com a reforma psiquiátrica o grande avanço que ela significou, a saúde mental causa muito impacto, daí a importância dos serviços, o poder dos vínculos que foram construídos ao longo desse tempo, e que agora precisam ser “quebrados” na forma do contato físico, o desafio é saber como manter esse vínculo de outros modos. Demandas como conflitos na casa dos usuários, administração de remédios, acompanhamento de tratamentos, como os profissionais de saúde podem mediar sem o contato físico.

André (familiar de São Pedro da Aldeia): Está seguindo à risca o isolamento social, e por isso não sabe muito bem como estão os serviços, com isso, pergunta sobre as estratégias que os CAPS estão tendo para contornar essa questão do isolamento social.

Pedro Gabriel (Frente Estamira / Nuppsam): A dúvida do André é justamente o maior desafio da saúde mental, pois os próprios usuários começam a sentir a necessidade de voltar a frequentar os serviços de forma integral em suas atividades.

Lina Nunes (Coordenadora Técnica CAPS Casa do Largo - Niterói): No CAPS em que trabalho, o II, tem trabalhado de 8h às 17h, pensando de forma individualizada em cada usuário, tentando ao máximo contato virtual com os que existem essas possibilidades, os que não tem, o caps tá tendo ajuda da ESF, que quando fazem a VD, realizam vídeo chamada dos usuários com a equipe do caps. Sobre as idas aos CAPS, estão indo os pacientes com mais autonomia, de 2 em 2 no máximo, para atendimentos e oficinas. Estão, também, disponibilizando materiais para os usuários poderem fazer atividades em casa com orientação por vídeo chamada. A equipe do CAPS tem proposto atividades de casa nas RTs, como: noite da pizza, do filme, de dança, etc. Essas estratégias têm funcionado bem.

Marise Lutterbach (Terapeuta Ocupacional da região serrana, Cantagalo e Macuco): A dificuldade atual do papel de cuidador: cuidar dos usuários e seus familiares, cuidar de si e de todo, da humanidade, quando adapta atividades de trabalho e, ao mesmo tempo, mantém o distanciamento social. Estão mantendo os CAPS abertos com adaptações, oferecendo atendimentos presenciais quando extremamente necessários, teleconsultas e telemonitoramento e terapias comunitárias online. Esbarram em desafios porque muitos usuários não têm acesso à tecnologia, e quando têm, não sabem usar. Pensa sobre a ‘cronificação e dependência’ que muitos usuários têm dos CAPS. Neste momento, vê ponto positivo, mesmo diante de todo este “caos da pandemia”, na capacidade dos usuários de se cuidarem e ficarem bem apesar do distanciamento e redução das ofertas de ida aos CAPS. Têm sido realizados contatos telefônicos ressaltando a importância de maior envolvimento de alguns familiares neste momento. Lidam, também, com divergências na própria equipe, como, por exemplo, alguns não respeitarem medidas protetivas a exemplo do uso de máscaras.

Pedro Gabriel (Frente Estamira / Nuppsam): Momento de afirmar para o usuário sobre a autonomia que eles têm de poder se cuidar. Se surpreende com usuários com transtornos mentais graves que estão conseguindo entender a situação atual e conseguindo ficar mais

tempo em casa, mas isso não quer dizer que está fácil lidar com essa situação de isolamento e diminuição do acesso ao serviço, pois a saúde mental é de serviço diário e aberto. Pede que Eleny comente sobre 2 questões: o uso de máscaras para os profissionais de saúde mental e a questão sobre os cuidados que devemos ter com usuários sintomáticos respiratórios, pensando estratégias de acordo com as recomendações da OMS.

Eleny Guimarães: Profissionais da saúde devem usar máscaras e também precisam limpar objetos e superfícies depois de cada atendimento, pois o vírus se mantém em superfícies por longo tempo. Citou o exemplo da tuberculose, em que se deve usar máscara para atender os pacientes e convencê-los a usar também.

Acredita numa parceria com a AB para a triagem de usuários sintomáticos respiratórios. Apesar desses desafios atuais, pensa que sairemos com boa consciência de biossegurança.

Priscilla Vilella (Frente Estamira / Nuppsam): Diversas unidades básica de saúde, estão com uma tenda externa para triagem antes dos atendimentos, e os profissionais não circulam entre atendimentos sem as devidas proteções.

Nathália Armony (CAPSi CARIM - IPUB/UFRJ): Passou por um processo de redefinição do trabalho, sendo atendimento a distância para a maioria, e presencial para os mais graves, dando ainda mais importância para o contato com os familiares para realizar os cuidados. Levanta a questão de como é contraditório para a saúde mental, que tanto zela pela participação de seus usuários em espaços públicos e agora precisa desenvolver recursos para apoiar e tornar viável o entendimento e a realização do isolamento social. Se preocupa de como será a saída desse isolamento, pois não voltaremos para a normalidades antes da epidemia, e que isso é um desafio, ainda mais com crianças com transtornos muito grave.

Luciana Alleluia (Enfermeira IPUB/UFRJ): Relata dificuldade do isolamento social num hospital psiquiátrico, cuja dinâmica é diferente de um hospital geral em que o paciente fica restrito ao seu próprio leito; no hospital psiquiátrico, os pacientes circulam o tempo todo pelos espaços.

Pedro Gabriel (Frente Estamira / Nuppsam): Propôs temas para a próxima roda.

Eleny Guimarães: A questão de como manejar o sintomático respiratório é muito importante, mas devemos ir além, a presença de alguém que é assintomático mas que pode transmitir o vírus. Com isso, são bastante recomendadas as práticas da biossegurança, pois a maioria pode ser assintomática.

Leandro Pacheco (Frente Estamira / Nuppsam): Ressalta a importância da tecnologia para as novidades trazidas pelo atual cenário. Lê os comentários:

Ana Lúcia Togeiro (Psicóloga do CAPS-ad de Macaé): *“Para finalizar, pois preciso sair. Essa também tem sido nossa surpresa, o autocuidado dos usuários. Mas o contato regular com os usuários e familiares, seja por telefone ou pessoalmente, tem sido fundamental. Eles têm a oportunidade de contar como estão se virando e nós podemos ouvir e também orientá-los sobre higiene, uso de máscaras, outros problemas de saúde e conflitos pessoais. Esses espaços de discussão são muito importantes. Obrigada!”*

Marise Lutterbach (Terapeuta Ocupacional da região serrana, Cantagalo e Macuco): *“Importante o que foi falado: incorporar novos hábitos”*

Juliana Alves (CAPSi São João de Meriti): *“Quero agradecer todo o debate proposto! Foi muito esclarecedor e fundamental para nosso trabalho. Me senti contemplada pela fala da Nathália, em que surgem questões tão relevantes que precisamos pensar no trabalho com as crianças. Trabalho em CAPSi de São João de Meriti e compartilho das mesmas reflexões. Obrigada!”*

Pedro Gabriel (Frente Estamira / Nuppsam): Acredita que ainda não está no tempo de diminuir o isolamento social. Convida a Dra. Eleny a ser consultora permanente da Frente Estamira em relação à COVID-19. Finalizou esclarecendo sobre a gravação e divulgação da reunião, agradece e finaliza.

Redigido por Vitória Melo, em 22/04/2020.
Revisto pelos participantes, em 23 e 24/04/2020.

Rio de Janeiro, 24 de abril de 2020.
Frente Estamira de CAPS - Resistência e Invenção.